



Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião

ISSN: 1518-4463

ISSN: 1982-2650

Universidade Estadual de Campinas

Gomes, Jorge H. Scola

A TELEDRAMATURGIA BÍBLICA PELA TV RECORD: SENTIDOS
E MEDIAÇÕES A PARTIR DA PRODUÇÃO DA MENSAGEM 1

Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião, vol. 19, núm. 27, 2017, , pp. 47-71
Universidade Estadual de Campinas

DOI: <https://doi.org/10.20396/csr.v19i27.12496>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975891004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A TELEDRAMATURGIA BÍBLICA PELA TV RECORD: SENTIDOS E MEDIAÇÕES A PARTIR DA PRODUÇÃO DA MENSAGEM¹

Jorge H. Scola Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma discussão na intersecção das áreas da Antropologia da Religião e do Secularismo, elegendo como objeto o ciclo de produções relacionadas ao Antigo Testamento iniciado em 2010 e veiculadas pela Rede Record de Televisão, propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus. Tratam-se de produtos da indústria cultural imbricados, desde o seu começo, em tensões e discussões a respeito das lógicas que fundamentam a demarcação de fronteiras entre o domínio do religioso e do entretenimento (Meyer; Moors, 2006). Nesta convergência identificada entre as narrativas bíblicas e seu consumo hodierno e mediado pela produção da indústria cultural, são destacados os âmbitos da circulação e da produção destas mensagens. Destaco, ainda, a especificidade desta produção de temas do Antigo Testamento em comparação com as veiculações anteriores do que identifico como o “primeiro ciclo de teledramaturgia religiosa”, veiculada no final dos anos 1990. A investigação salienta o movimento que alguns agentes identificam como uma “virada judaizante” pela Igreja Universal em convergência com a produção de minisséries e novelas ancoradas no texto do Antigo Testamento.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus; novelas bíblicas; religião e espaço; público TV Record.

Abstract: This article proposes a discussion at the intersection of the areas of Anthropology of Religion and Secularism, choosing as object the cycle of productions related to the Old Testament initiated in 2010 and transmitted by Rede Record de Televisão, property of the Universal Church of the Kingdom of God. These are products of the cultural industry that have been imbued from the outset with tensions and discussions about the logic behind the demarcation of boundaries between the domain of religion and entertainment (Meyer and Moors, 2006). In this convergence identified between the biblical narratives and their current consumption and mediated by the production of the cultural industry, the scopes of circulation and the production of these messages are highlighted. I also emphasize the specificity of this production of Old Testament themes in comparison with earlier placements of what I identify as the "first cycle of religious dramatization," which came out in the late 1990s. The research highlights the movement that some agents identify as a "Judaicizing Turn" by the Universal Church in convergence with the production of miniseries and novels anchored in the text of the Old Testament.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God; biblical novels; religion and space; public TV Record.

Introdução

Este texto é o esforço de por em relação diferentes planos de análise tomando como objeto o ciclo de produções relacionadas ao Antigo Testamento iniciado em 2010 e veiculadas pela Rede Record de Televisão, propriedade da Igreja Universal do Reino de Deus. Tratam-se de produtos da indústria cultural imbricados, desde o seu começo, em tensões e discussões a respeito das lógicas que fundamentam a demarcação de fronteiras entre o domínio do religioso e do entretenimento. A questão das fronteiras é fundamental também para a compreensão das formas pelas quais os profissionais envolvidos na produção da mensagem (autores e diretores) manejam estas histórias ancoradas no texto bíblico para veiculá-las ao público de televisão aberta se utilizando da linguagem do folhetim.

O texto está organizado em cinco seções. Inicialmente, apresento a perspectiva que sustenta a abordagem mais geral de produto dos meios de comunicação de massa em sua intersecção com o campo religioso. Na segunda seção, percorro brevemente os formatos religiosos adotados pela Rede Record a partir da sua aquisição pela igreja evangélica em sua programação até a ano de 2010: identifico neste movimento, além do televangelismo proselitista, um primeiro ciclo de teledramaturgia religiosa, no final dos anos 1990, cujos temas e abordagens ecoam os conflitos vivenciados pela IURD nos planos político, social e religioso com demais segmentos da sociedade brasileira. No terceiro item, sinalizo a ascensão e a cristalização do formato das minisséries bíblicas a partir da veiculação de *A História de Ester*, em 2010, até a exibição da primeira novela bíblica da emissora, *Os Dez Mandamentos*. Neste item, ainda, procuro caracterizar os modos como estas produções lidam com a representação da linguagem visual e oral e como intentam produzir uma “coerência” em relação ao período bíblico que intentam representar. Na quarta seção, me utilizo de dados secundários pela coleta de entrevistas de autores e diretores relacionados à produção destas obras para entender como se dá a passagem de ênfase entre os aspectos religiosos, míticos, históricos e folhetinescos dentro do mesmo produto. Em seguida, apresento algumas inflexões no campo da recepção destas produções em relação à audiência e vendas internacionais. O texto intenta investigar este movimento “em direção aos heróis bíblicos”, sinalizado com a veiculação de *A História de Ester* (em 2010) e realizado pelas produções seguintes, no mesmo âmbito de demais iniciativas realizadas pela Igreja Universal, na aproximação com o universo hebraico. A dimensão do que produz e do que não produz controvérsias do ponto de vista desta “apropriação” de elementos acionados neste movimento move a investigação aqui proposta a perguntar: o que a produção de uma teledramaturgia a partir do Antigo Testamento engaja para a Igreja Universal e a Rede Record em termos religiosos, econômicos, políticos e simbólicos?

Religião, *media turn* e a erosão das fronteiras

Visto como um campo majoritariamente interdisciplinar, os estudos sobre “religião e mídia” têm recebido maior incremento nas últimas duas décadas (Stolow, 2014; Machado, 2014). Trata-se de uma orientação particular nos estudos sobre religião que intenta compreender como a religião se reorganiza em contextos para além do alcance das autoridades religiosas “tradicionais”, tal como nos domínios da medicina alternativa, da ciência popular, do ativismo ecológico, do entretenimento

e da cultura de consumo (Stolow, loc. cit., p. 147).

Deste movimento, salienta Engelke que uma das características seria o enfoque, mais agora do que no passado, nos usos sociais dos meios de comunicação dentro da vida religiosa – dos meios antigos como textos impressos e imagens pintadas até os meios mais novos e de mais novos tipos, os quais englobam rádio e videodifusão, o cinema, fitas cassetes e a Internet (Engelke, 2010: 371). Trata-se de um entendimento de religião enquanto *mediação* e que vê a religião como um conjunto de práticas, objetos e ideias que manifestam a relação entre o visível e conhecido mundo dos humanos e o desconhecido e invisível mundo dos espíritos e do divino (idem, p. 374).

A chave da mediação também está presente no movimento *material turn*, também profícua nos estudos de religião. A chamada “virada material” alimentou o interesse nas coisas e na “materialidade”, mas apesar desta inflexão não parece haver exatamente uma demarcação estanque entre o que é “materialidade” versus a “matéria” propriamente dita (Meyer; Houtman, 2012: 4). A abordagem da virada material, contudo, visa exatamente desfazer o antagonismo entre *coisas* e religião – ao contrário, ela reconecta “espírito” e “matéria” (ibidem, p. 7).

Trata-se de um programa de pesquisa que, enfim, procura localizar em sentido amplo as formas de constituição da religião e da experiência religiosa e que chama “as coisas de volta” na medida em que reconhece que:

(...) a religião e a mídia sempre estiveram implicadas uma na outra. Ao longo da história, de muitas formas, a comunicação com e sobre “o sagrado” foi empreendida através de diversas culturas materiais e formas de mídia, começando com a própria linguagem (Stolow, 2014: 150).

Muito atrelada até então à tese da secularização (Stolow, 2014), a própria força pública das religiões por meio de sua produção midiática dá fôlego ao campo de estudos de religião e mídia (Meyer; Moors, 2006).

Os estudos de novos movimentos religiosos vem, assim, documentando o que vem a ser inegavelmente uma profusão global de novas técnicas de aquisição de conhecimento, expressão ritual e auto cultivo que são cada vez mais realizados em cenas sociais que se encontram fora dos locais institucionais “habituais” da prática religiosa, e além do alcance das autoridades religiosas “tradicionais”, tal como nos domínios da medicina alternativa, da ciência popular, do ativismo ecológico, do entretenimento e da cultura de consumo (Stolow, 2014: 147).

Como apontam Meyer e Moors em seu volume *Religion, media and the public sphere* (2006), este rompimento do dualismo das esferas da crença e da cultura demonstra também o potencial “evangelizador” da tecnologia, bem como a permeabilidade entre as esferas do comércio e do entretenimento com a da religião. Conjugados ao acesso aos meios eletrônicos, estariam ligados ao fenômeno, para as autoras: a crise do Estado-Nação, a condição pós-colonial e a ascensão da sociedade em rede (loc. cit.). As autoras também apontam que o uso dos meios de comunicação pelas denominações religiosas amplia a noção de “esfera pública” do âmbito normativo ao qual esta costuma ser atrelada: pelo trânsito de mensagens, os grupos religiosos podem produzir as próprias redes, muitas vezes transnacionais, gerando algo como uma “globalização por baixo” (Meyer; Moors, 2006: 5)². Como já havia apontado em outro lugar (Meyer, 2009), Meyer e Moors também trazem que as tecnologias de comunicação e de representação (entre as quais os *mass media*) se tornam novas formas de produzir pertencimentos para além do registro do Estado (idem, p. 12).

Do ponto de vista das denominações religiosas, a entrada na indústria cultural e a associação com as forças do entretenimento já foi entendida como crucial para a sobrevivência da religião no mercado da cultura (Moore *apud* Meyer et Moors, 2006: 19). Por meio dessa produção, os grupos religiosos podem difundir formas e elementos religiosos na “cultura pública” – uma situação de difícil controle ou regulação, que recoloca novos desafios de autoridade em jogo, em especial em relação a expectativas de laicidade promovida por agentes estatais seculares.

Neste sentido, uma das implicações deste contexto e desta abordagem é em relação às definições de religião (Engelke, 2010: 375): é este movimento pendular que pode gerar frutos na medida em que os casos singulares trazem novas potencialidades de se pensar o religioso para além da dicotomia durkheimniana de “sagrado e profano” (*ibidem*). Outra inflexão do programa relacionado ao *media turn* enfoca a influência da *mass media* nas imagens sagradas, mudando seu caráter e possibilitando diferentes apropriações (Engelke, loc. cit., p. 376). Guardemos estas formulações, que serão úteis na articulação com nosso objeto: as apropriações por imagens religiosas pelos meios de comunicação, a ênfase nos processos de mediação, a difusão de elementos religiosos na “cultura pública” bem como as passagens, as ambiguidades e as permeabilidades entre as fronteiras do religioso e do entretenimento.

Dos sermões aos herois: formatos religiosos na programação da Rede Record nas mãos da Igreja Universal do Reino de Deus

Mais antiga rede de televisão aberta no ar, a TV Record pertenceu à família Machado de Carvalho até o final dos anos 1980, quando foi comprada por Edir Macedo, e é desde 2007 a segunda emissora do país em audiência e faturamento. Durante estes pouco mais de 25 anos nas mãos da Igreja Universal, a emissora seguiu diferentes orientações com relação à forma de visibilizar dimensões da religiosidade em sua programação – muitas vezes associadas ao “marketing religioso” proselitista³. Chamo atenção para o fato de que em 1992, pouco depois da época da compra da Record pela IURD, a Igreja Renascer em Cristo tentara assumir o controle da então deficitária Rede Manchete. O “negócio”, porém, impedido pelas autoridades, que estudavam uma saída para os prejuízos acumulados pelo Grupo Bloch e não sentiram segurança nas finanças dessa Igreja para tal investimento (cf. Campos, 2008: 19). Neste sentido, o caso da TV Record figura como um êxito dentro do campo religioso e no campo das comunicações, gerando um forte sentido legitimador (como já havia observado Oro, 1996: 69), do qual nem todas as “igrejas eletrônicas” poderiam se apossar com igual legitimidade. Ao mesmo tempo, quando os grupos religiosos passaram de compradores do espaço de canais seculares para controladores e proprietários de grandes redes de televisão, há uma espécie de mal-estar social baseado na sensação de que a religião está fora de seu lugar. Neste contexto, ocorreram reações inflamadas pelos proprietários de outros meios de comunicação quando da aquisição pela Igreja Universal de uma grande rede de televisão aberta⁴.

Grande parte da literatura que se dedicou ao tema da Igreja Universal enquanto instância de comunicação de massa a partir da compra da Rede Record o fez tendo como fio-condutor de análise os programas relacionados à própria instituição denominacional. Isto é, foram privilegiados os sermões performados por pastores e bispos, a transmissão de cultos, os debates de cunho moral-religioso, os programas que enfocavam as trajetórias de vida dos adeptos – o tom em geral foi,

enfim, mais ligado aos aspectos mercadológicos do “sucesso” do empreendimento da Igreja Universal e de como a emissora adquirida era utilizada em suas estratégias enquanto “teleevangelismo”. Gostaria de nuançar este quadro.

Assim, inicialmente trago nesta seção uma retomada dos aspectos que este segmento da literatura aborda: a inserção dos pentecostais e neopentecostais nos meios de comunicação de massa e os sentidos de seus usos. Em um segundo momento, enfoco ainda nesta seção a produção de um ciclo de “teledramaturgia religiosa” nos anos finais da década de 1990 pela Rede Record, cujo tom provocativo para com demais denominações bem como os temas abordados estavam em consonância com as orientações mais gerais e os conflitos (religiosos e sociais) nos quais a própria Igreja Universal estava envolvida. Abordo estes momentos específicos da apropriação dos meios de comunicação (e da televisão, centralmente) como forma de produzir contraste com o enquadramento que esta ganhará posteriormente e que é o foco deste texto, a saber: a teledramaturgia de formato bíblico veiculada pela emissora a partir de 2010.

Formas de inserção nos veículos de comunicação dos grupos neopentecostais

O primeiro canal de televisão de posse de uma denominação religiosa também se dá pelos protestantes batistas, em sinal aberta: trata-se da TV Rio, de alcance estadual, comandada por alguns anos pelo Bispo Fanini, graças à concessão pública dada pelo Governo Militar (Campos, 1997: 282; Oro, 1996: 64). Até então, a episódica presença protestante ao longo dos primeiros 35 anos da história da televisão brasileira poderia ser caracterizada como “esporádica e sem criatividade nenhuma” (Campos, *ibidem*).

Ainda segundo Leonildo Campos, esta inserção inicial foi apenas uma transposição do que acontecia no templo para a televisão: trata-se do modelo do culto, sem qualquer preocupação com as peculiaridades da linguagem televisiva (Campos, *loc. cit.*, p. 282). Tal situação mudaria durante o regime militar (1964-1985), quando houve a ampliação das telecomunicações brasileiras e do número de estações, bem como a unificação eletrônica do país, a despeito do aumento do controle estatal sobre os meios de comunicação de massa. A partir daí, surgiram condições para a formação de redes e afastou-se da televisão a concorrência da Igreja Católica⁵, que se opunha ao regime militar por causa dos direitos humanos então violados pelo governo (p. 284).

Com efeito, até os anos 1970, as poucas tentativas dos protestantes históricos (como calvinistas, anglicanos, batistas, metodistas, anabatistas e luteranos) de usar os meios de comunicação de massa foram desaparecendo diante da falta de recursos financeiros (Campos, 2008: 10). Os novos pentecostais – isto é, os *neopentecostais* (Mariano, 2004; Freston, 1993)- apoiados por ideologia voltada à prosperidade, levaram maior vantagem, criando formas eficientes de arrecadação de dinheiro. Foi assim que, com a implantação de uma rede capilar de templos locais ligados a uma sede “nacional” ou “mundial” possibilitou o surgimento de um caixa único, e os recursos captados num templo eram rapidamente drenados para um só local. Essa teria sido a forma que lhes possibilitou acumular recursos à vista, que foram usados para a aquisição de emissoras de rádio e de televisão (*ibidem*). Neste sentido, a explicação geral apontada na bibliografia sedimentada sobre o tema aponta para o fato de que penetração das “igrejas eletrônicas” na América Latina coincidiu com “a expansão do capitalismo”, o que teria causado o rápido crescimento da televisão de estilo norte-americano, neste continente (Campos, 1997: 282).

Arelada a esta hipótese explicativa está a premissa de um pluralismo religioso e de concorrência mercadológica, segundo a qual a situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado e as tradições religiosas tornam-se *commodities* de consumo – assim, grande parte da atividade religiosa nesse contexto vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (Campos, 2008: 12). Estrategicamente, então, as denominações garantiriam visibilidade comercial inicialmente comprando espaços nas emissoras de rádio; depois, comprando horários nas madrugadas das emissoras de televisão, em períodos considerados “horas mortas”. Após, enfim, esta presença tímida nas “madrugadas com Deus” veio a compra de emissoras e a ocupação de horários considerados mais nobres (Campos, 2008: 13). No que tange à Igreja Universal, o seu “despertar para a mídia televisiva” parece ter ocorrido com a veiculação de um programa de quinze minutos, antecedendo a um programa de uma mãe de santo – o que teria feito a Igreja começar a crescer em número de adeptos. Diante dos resultados, passou a fazer parte de sua estratégia alugar horários antes ou depois de programas de temas “mediúnicos” para “aproveitar a audiência” (Fonseca, 2003: 264-265).

A aquisição da TV Record pela Igreja Universal em 1989 foi um marco neste processo, pois:

(...) representou o início de um processo de desregulação do até então laico mercado televisivo no Brasil. A compra da Record por US\$ 45 milhões e o compromisso assumido por Macedo, de pagar US\$ 300 milhões, representaram um novo capítulo na inserção pentecostal na mídia televisiva brasileira (Campos, 2008: 18).

Como aponta Campos, a imprensa, antes de 1989, pouco se importava com as pregações pentecostais na televisão ou no rádio, assim como não percebia nessa propaganda religiosa qualquer ameaça ao empresariado da indústria cultural. Isso porque a mídia estava sobre o controle de empresários seculares, de quem pastores e missionários compravam espaço, pagando por isso elevadas quantias, sempre dependentes de condições impostas pelos proprietários, nem sempre consideradas justas. A partir de então, com a aquisição da Rede Record pelo bispo Edir Macedo, a mídia se tornou agressiva em relação à IURD e passou a questionar a legalidade de toda a transação (1997: 286-287). Procurando apaziguar a opinião pública, Macedo afirmava ser sua meta “transformar a Record numa rede profissional, moderna e bem colocada no mercado de comunicação” (ibidem).

Contudo, durante certo período, “a programação televisiva da Igreja Universal fez, durante muito tempo, do tripé *exorcismo, cura e prosperidade* as suas vigas mestras” (Campos, 1997: 287, grifo meu). Dados de 1996 trazem que somente pela TV Record, a Igreja Universal transmitia mais de 40h por semana de programas identificados como religiosos (Oro, loc. cit, p. 66), entre os quais “cultos” propriamente ditos, debates morais que vez por outra resvalam para a citação de salmos e filmes sobre “heróis bíblicos”, bem como publicidade institucional da IURD com histórias de vida de pessoas que aderiram à Igreja e reportagens de tom jornalístico sobre suas práticas de assistência social (Campos, 1997: 287).

Data deste período uma produção teledramatúrgica identificada por analistas como “obscura”, de minisséries de poucos capítulos e que seriam reprisadas nas redes menores do mesmo grupo detentor da Rede Record (como a Rede Mulher), abordando temas como o mal causado pelas “macumbas” e os pactos com os “demônios” bem como as formas de vencê-los, inclusive por meio da conversão à Igreja. Aprofundo o argumento no item que segue.

O primeiro ciclo de “teledramaturgia religiosa” (1997-1998)

Em setembro de 1995, vai ao ar pela Rede Globo a minissérie *Decadência*, escrita pelo célebre dramaturgo Dias Gomes, em cuja trama central está envolvido um homem que vê na fundação de uma igreja evangélica (o *Templo da Divina Chama*) uma forma de “ficar milionário”. A Igreja Universal, ao ver paralelos entre as formas de pregação entre o personagem e as práticas, chegou a entrar na Justiça com uma ação civil indenizatória por danos morais (ver Giumbelli, 2002). Os anos 1990 foram profundamente marcados pela rubrica da “polêmica” no que tange a esta denominação. Com efeito, a veiculação de produções dramatúrgicas entre os anos de 1997 e 1998 pouco foram considerados no quadro mais amplo destas controvérsias. Meu argumento aqui é que recuperar ainda que brevemente tais produções e seus enredos ajuda a colocar em relação as questões políticas e sociais que a Igreja Universal e a Rede Record estavam vivenciando durante o período, como os conflitos a opinião pública e as religiões afro-brasileiras, e, em menor grau, com a Igreja Católica.

Apresentada em cinco capítulos em março de 1997, a minissérie *A Filha do Demônio* apresentava o seguinte enredo: “A alma de Ana foi vendida ao Demônio por seu pai, Mário, um vendedor de pentes da Praça da Sé, em São Paulo. Casado com Lurdes, uma mulher simplória, ele faz o pacto em troca de US\$ 100 mil. Enquanto o pai lucra com a venda em troca de dinheiro e diversão com mulheres, a filha cresce bastante atormentada e agressiva por causa desse pacto”. Mesmo passando despercebida da grande audiência, a minissérie foi reprisada durante o de 2000 nas madrugadas da Record (possivelmente dentro de programas religiosos propriamente ditos) e na grade da Rede Mulher, a qual a IURD também adquirira nos anos 1990⁶.

Um pouco mais longa (contada em dez capítulos) e no mesmo março de 1997, estreia *Olho da Terra* a qual contava a história de Sara, uma mulher vingativa, que recorre a “macumbas para enfeitiçar Branca e tirá-la do caminho de Marcelo”. Sara é casada com Joel, um rico fazendeiro. A trama se passa em uma fazenda na fictícia cidade de Lagoinha Bonita. Supõe-se que Branca é filha de Joel, o que impediria seu namoro com Marcelo, filho de Sara e do fazendeiro. Branca é filha de Rosa, que, há muitos anos, fora amante de Joel. Quando soube da traição, Sara mandou capangas matarem Rosa. As maldades de Sara contra Branca seguem até a chegada do evangélico Nuno. O final da protagonista “macumbeira” e sem caráter é a cadeia: com direito à participação de uma cantora evangélica (Sula Miranda), que faz um show no qual a polícia chega para desmascará-la⁷. Em vinte capítulos e ainda em 1997 foi ao ar *A Sétima Bala*, sobre a trajetória de um “assassino confesso que se entrega a Jesus na prisão”⁸.

Em janeiro de 1998, seria a vez da apresentação da minissérie *Alma de Pedra*⁹, sobre Leandro, um jovem “amargurado e perturbado mentalmente”. Seus problemas se resolvem quando ele se converte à Igreja Universal do Reino de Deus. Esta produção teve seu roteiro baseado em testemunhos dos fiéis da Igreja Universal e foi escrita por Vivian de Oliveira (que também assinou o texto de *A Sétima Bala*), autora que retornaria à casa a partir de 2010 para roteirizar histórias bíblicas.

Quadro 1 – Identidade visual das produções do primeiro ciclo de teledramaturgia religiosa da TV Record



Fonte: Reprodução (Teledramaturgia.com).

Não é difícil perceber que o conteúdo destas produções está em consonância com as orientações das práticas do neopentecostalismo promovido pela Igreja Universal: a ênfase na magia/bruxaria (identificada mormente como atrelada às práticas do candomblé) como produtora do mal¹⁰; a conversão religiosa evangélica como fonte de paz e bênçãos e suas práticas curativas; e a intervenção de seus agentes em “ações sociais”. Tratam-se, enfim, de versões roteirizadas, dramaturgizadas do teleevangelismo que dominou grande parte da grade horária da Rede Record no mesmo período.

Ao mesmo tempo, tais produções dão mostras de uma primeira inserção no mercado da indústria cultural de bens de entretenimento propriamente audiovisuais. E também podem ser lidas como uma forma de resposta da Universal e da Record à veiculação de uma minissérie como *Decadência* e das controvérsias ensejadas naquele período. Na promoção midiática da “guerra santa”, a TV Globo foi identificada a partir dos anos 1990 com o lado católico, e o tom crítico de seu jornalismo sobre a IURD e a veiculação de *Decadência* ajudaram nesta polarização. Ao mesmo tempo, a Universal se viu às voltas com a questão da “liberdade religiosa” pelo menos a partir do episódio do “chute na santa” (Almeida, 2007; Giumbelli, 2003), onde defendeu seu direito de “atacar” outras denominações como o próprio catolicismo.

No Natal do ano de 1997, a Record veicula pela primeira vez, como parte de uma programação especial, uma pequena minissérie sobre um personagem bíblico: trata-se de *O Desafio de Elias*¹⁰, sobre “a luta do profeta Elias para fazer prevalecer a palavra do Deus de Israel, por volta do ano 850 antes de Cristo”. Dois meses depois, no verão de 1998, seria apresentada uma versão em dez capítulos de *A História de Ester*¹¹. É o começo de um formato de teledramaturgia bíblica, que, nesta primeira experiência, teria curto fôlego e só seria retomado a partir de 2010. Contudo, não se pode dizer que a veiculação de histórias de inspiração religiosa tenha sido um formato criado pela Universal e pela Record. Como aponta Campos, a “largada” parece ter sido dada pela Rede Vida, um canal ligado à Igreja Católica, em 1996, com a produção de “pequenas novelas dramatizando a vida de alguns santos, como *Irmã Catarina*” (Campos, 1997: 285). A CNT-Gazeta

também colocou no ar a novela “*Antônio dos Milagres*”, fazendo publicidade em jornais com a imagem de Santo Antônio e a legenda “Agora tem milagre na TV todos os dias. E não é na Record (FSP, 18.4.96)” (ibidem).

Neste sentido, creio ser seguro dizer que o formato de uma teledramaturgia assumidamente religiosa, de ancoragem em textos oficiais como a bíblia (ou, no caso da Rede Vida, os documentos sobre a vida dos santos católicos), foi adotado e aperfeiçoado pela emissora evangélica. Se este primeiro ciclo de teledramaturgia religiosa (1997-1998) é orientado pelo proselitismo e pelo combate às demais denominações, a inflexão que se dá pela adoção de temas bíblicos sugere uma posição de complementaridade em vez de oposição. Esta nova posição que sugere uma mudança importante: a apropriação de temas do Antigo Testamento pelos evangélicos também ocorre em outros movimentos da Igreja Universal e do campo neopentecostal como um todo. Aprofundo o argumento nos itens que seguem.

Em busca do Antigo Testamento

O Antigo Testamento, por abordar majoritariamente as relações entre Deus povo hebreu, é tratado por vezes como sinônimo de “escrituras hebraicas”: são os seus cinco primeiros livros a formar a Torá judaica. Contudo, sendo ponto de referência para as grandes religiões monoteístas, estas narrativas compõem, assim, um repertório para um público razoavelmente tão amplo quanto diverso: judeus, cristãos católicos, protestantes históricos, neopentecostais e muçulmanos estariam plenamente aptos a compor esta audiência. Encerrada no final dos anos 1990, as produções teledramatúrgicas de orientação religiosa pela TV Record seriam reavivadas a partir do ano de 2010, quando da veiculação da minissérie *A História de Ester*, em nova versão, diferente da veiculada doze anos atrás. A partir de então, a emissora veicularia uma minissérie de tema bíblico por ano. É importante perceber que à medida que a audiência se mostra interessada e a produção é considerada exitosa, o número de capítulos aumenta e, como numa relação causal, a audiência destas produções tem crescido ou pelo menos se estabilizado, consolidando o formato. O sucesso destas produções preparou o terreno para a iniciativa mais ousada do ponto de vista comercial: a primeira novela do ciclo, narrando a trajetória de libertação do povo hebreu por Moisés: *Os Dez Mandamentos*. A emissora havia previsto dispor de 150 capítulos, um número bem maior do que as iniciativas anteriores, para distribuir as quatro fases, percorrendo todo o período vivido pelo herói-protagonista. Registre-se que o êxito da produção levou a um grande espichamento, com um total de 242 capítulos. Posteriormente, a produção foi transformada em filme, exibido em cinemas durante o verão de 2016¹².

De fato, *Os Dez Mandamentos* parece ter superado e muito as expectativas da emissora. Seu sucesso levou a registros em jornais internacionais. “Recentemente, o mais popular líder no Brasil foi Moisés, estrela da versão para a TV de ‘Os Dez Mandamentos’. Exibida na Record, uma das rivais da Globo, a novela chegou a ganhar, ocasionalmente, em algumas situações da concorrente. Uma conquista tão rara que virou notícia”, teria noticiado o *The New York Times*, o que fora muito bem recebido pelos portais evangélicos, como o Gospel Mais¹³.

Tabela 1 – Produções bíblicas veiculadas pela TV Record a partir de 2010

Minissérie	Número de capítulos	Audiência nacional média ¹⁴
A História de Ester (2010)	10	11
Sansão e Dalila (2011)	18	12
Rei Davi (2012)	30	12
José do Egito (2013)	38	11

Estas produções parecem seguir um padrão em relação ao seu processo de produção: aproveita-se o elenco da emissora (sem, portanto, considerar o pertencimento religioso dos envolvidos, mas a sua adequação física a tipos hebreus, egípcios ou malaquitas) bem como os diretores já contratados pela casa. Ao mesmo tempo, há um investimento de “superprodução” em relação a cenários e figurinos, bem como eventuais viagens para locações a fim de simular em praias e dunas os desertos bíblicos e mesmo eventualmente viagens internacionais, por exemplo. Esta situação não encontra paralelo em investimento em relação à teledramaturgia “secular” veiculada pela TV Record e mesmo às produções do que chamei de “primeiro ciclo religioso”, marcado por produções de baixos investimentos em horários não tão centrais para a programação televisiva.

Quadro 2 – Identidade visual das minisséries bíblicas produzidas a partir de 2010





Fonte: Record (reprodução)

Os produtores também apostam na conjugação de estilos: o épico (que remete às superproduções) e o tom emocional, relacionado às novelas tradicionais. Quando perguntado, por exemplo, sobre as razões de escolha dos temas bíblicos, Alexandre Avancini, diretor de *Os Dez Mandamentos*, respondeu em entrevista: “a empresa percebeu que a temática bíblica tem um tipo de base de dramaturgia que permite desenvolver um excelente folhetim. Além de estar inserido um contexto épico supergrandioso, ele retrata relações familiares. Essa temática sempre tem um grande apelo junto ao público”¹⁵.

De fato, a linguagem visual destas produções parece tender a salientar as suas dimensões de épico: os cetros, espadas e a exibição da força física dos seus protagonistas aparecem na linguagem visual desde as suas logomarcas, bem como na associação com ambiências historicamente atreladas ao mistério e ao poder, como as pirâmides egípcias. Salientando a importância da dimensão da cultura visual para o estudo da religião, David Morgan já havia sugerido que se deve situar uma imagem dentro de sua história de recepção, recusando-se a vê-la como uma entidade fixa, esteticamente permanente. Assim, podemos ver nestes casos a forma como se esquadrinha imagens como fenômenos sociais que também são definidos por uma história em curso do pensamento e da prática (Morgan, 2005: 21). Se a linguagem visual da publicidade destas produções enfatiza o épico, o texto dos capítulos valoriza mais a dimensão dos diálogos, em razão talvez da impossibilidade de retratar tão seguidamente cenas de luta e de viagens. Portanto, o que prevalece do ponto de vista do andamento da história tende a ser o lado emocional criado a partir destas histórias, embebido em amores proibidos e busca pelos parentescos perdidos – elementos, enfim, comuns a todas as formas de folhetim.

Quando assisti aos capítulos de *Os Dez Mandamentos* para redigir este texto, percebi que esta história teria que se preocupar com algo que até então não estava sendo colocado nas produções anteriores: a representação de Deus. Moisés e seu irmão Aron precisam se encontrar (eles foram separados no nascimento e criados por pais diferentes) no deserto, formar uma *aliança sagrada* e ir em direção ao palácio do faraó Ramsés, antagonista dos hebreus por ser o responsável pela escravidão deste povo naquela localidade. A reunião dos irmãos que não se conhecem seria promovida pelo próprio Deus, que aparece no céu estrelado numa imagem muito sutil: as estrelas iluminam um céu escuro formando um rosto a ser ligado rapidamente pelo espectador pelos pontos

de luz das estrelas. Em seguida, Deus “fala” a Aron, embora não apareça como imagem: trata-se do recurso de *voice over* em cinema e televisão: quando um personagem tem sua voz projetada embora não apareça em cena. Deus tranquiliza Aron, diz que ele não precisa ter medo, de que a missão a ser cumprida pelos irmãos é realizada em nome de Deus. Aron chora de emoção, volta para seu casebre muito confuso e relata o ocorrido aos seus colegas de morada, chegando a duvidar de sua sanidade mental. Todos, no entanto, o recebem com entusiasmo, confirmando que só pode ter sido mesmo Deus a entregar esta mensagem, a qual é comemorada por todos os hebreus presentes. No outro pólo da ação, Moisés hesita entre deixar sua amada Zípora para se juntar ao irmão que ainda não conhece no deserto (ele também já havia “recebido a mensagem de Deus”). Zípora é aconselhada por um personagem mais velho, que salienta que o verdadeiro amor nasce do companheirismo ante as adversidades. Assim, os dois partem juntos em direção à missão: o amor romântico pode coexistir com a demanda religiosa, moral e militar de liberar todo um povo.

A forma de apresentação de Deus pela novela foi considerada “sem criatividade” por alguns críticos de televisão¹⁶. A expectativa maior que cercava a novela no âmbito da produção diz respeito à sequência da “abertura do Mar Vermelho” por Moisés, a qual fora encomendada em parceria com uma produtora norte-americana, a *Stargate*, de Los Angeles, bem como as cenas que envolveram as pragas que Deus castiga os egípcios.

Além do âmbito da produção propriamente dita (cenografia, figurinos, efeitos especiais) e das nuances folhetinescas valorizadas pela produção, há, ainda, mais uma questão do ponto de vista da representação das histórias bíblicas: a linguagem. Vivian de Oliveira, que escreveu três das quatro minisséries citadas e é a redatora principal de *Os Dez Mandamentos*, recebera críticas pelo tom coloquial que adotou em algumas passagens¹⁷ e afirmou em entrevista que o processo de escolha da linguagem adotada se deu de forma processual:

A História de Ester era uma história linear, sem grandes saltos no tempo, muito romântica e tinha uma grande heroína como protagonista. Como foi a primeira, ainda estava descobrindo a melhor forma de adaptar um texto bíblico de um período tão remoto para a teledramaturgia atual. Optei por uma linguagem mais rebuscada, formal e na época funcionou muito bem. O público ficou encantado. (...) Em “Rei Davi” optei por usar uma linguagem mais naturalista, coloquial, o que foi um salto na narrativa. Isso aproximou o público da minissérie ainda mais. (...) E, por fim, “José do Egito” é uma minissérie construída a partir de um herói clássico, sem máculas, e uma história recheada de dramas humanos. Já dominava melhor a linguagem coloquial em “José” e já tinha também maior entendimento do que era viável ou não, do que funcionava ou não¹⁸.

Ao receber críticas por ter adotado, vez por outra, expressões modernas, o texto destas produções contrariou uma expectativa em relação à linguagem daquilo que é identificado como o sagrado (Keane, 1997 *apud* Menezes, 2011: 54). Ao mesmo tempo, pela adoção do tom coloquial, a mensagem esteve apta para ser recebida por um público mais amplo e também representou outra forma de “romper as fronteiras” entre uma dramaturgia televisiva a que público já estava acostumado e a mensagem propriamente religiosa.

A mensagem por seus produtores: Trechos da bíblia, mitos, passagens históricas: a forma de um épico ou de um folhetim?

A consolidação do modelo de “teledramaturgia bíblica” toma como base para a roteirização e dramatização textos ligados a uma tradição específica: são evangelhos, salmos, livros de profetas associados à conformação do cristianismo e que são, ao mesmo tempo, referência comum para a “História” tanto do Oriente quanto do Ocidente quanto para “grandes religiões” ancoradas no Antigo Testamento. Este é o caso do judaísmo, do catolicismo, do islamismo e, no caso das referências a Jesus, é possível encontrar pontos de intersecção com o espiritismo kardecista sedimentado no Brasil e mesmo no sincretismo com algumas denominações afro-religiosas. Assim, tratam-se de “histórias” abertas a um grande número de audiências possíveis do ponto de vista religioso.

Ao mesmo tempo, quando tomados do ponto de vista da indústria cultural, tais produções se ancoram em outras compreensões possíveis: tal situação configura um produto cuja zona de fronteira entre o entretenimento e o religioso não propicia definições prévias ou estanques. Mesmo do ponto de vista dos produtores destas obras, a indefinição do caráter da produção de mídias religiosas é acionado em diversos momentos. Como refere Machado:

Ao produzirem mídias religiosas (...) diferentes grupos não apenas formulam expressões de um conteúdo religioso estático, pronto e acabado, para uma determinada audiência ávida por recebê-lo como forma de confirmação de suas presumidas certezas. Em lugar disso, a relação entre religião e mídia aciona um processo dinâmico de produção e reinvenção desses próprios conteúdos religiosos, de seu lugar na esfera pública, da relação entre o religioso e o secular, do surgimento de audiências (inesperadas e mesmo inusitadas), (...), na formação de subjetividades, da produção de políticas públicas, e das relações de grupos religiosos e laicos com o “Estado” (2014: 141).

Se o significado, como já dito, não tem como ser pré-dado, mas é produto de uma série de relações complexas que envolvem pessoas, coisas, ambiências, a História, as palavras e as ideias de uma sociedade ou grupo (Morgan, 2008) – ou, do ponto de vista das materialidades envolvidas, está aberta a novas apropriações, indefinidas e processuais e a constantes processos de “*bundling*” (Keane, 2008) – então, as mídias religiosas passam não somente da leitura do comercial para o religioso (Meyer; Moors, 2006). Mais especificamente no caso da teledramaturgia bíblica produzida pela TV Record, temos, na verdade, diferentes tipos de ênfase dentro dessas produções, já salientados pelos produtores quando de seu lançamento. Nesta seção, enfoco essa dimensão das *passagens*: através de entrevistas e editoriais, situamos as formas de esquadramento dessas histórias sobre profetas bíblicos, milagres de Jesus¹⁹ e heróis do Antigo Testamento.

Uma primeira constatação se dá pelos contextos em que as produções são divulgadas nas mídias: os expedientes acerca das produções e as entrevistas envolvendo seus profissionais são veiculados majoritariamente em portais de notícias relacionados ao meio evangélico como o próprio site da Igreja Universal, o portal Gospel Mais, Gospel Prime, Portal Cidade Gospel e congêneres. Outro divulgador interessado nas produções é o Portal R7, um dos segmentos da Rede Record, bem como portais relacionados ao meio da teledramaturgia propriamente dita, que produzem críticas e divulgam entrevistas, em especial com seus roteiristas e diretores.

Neste contexto, é importante frisar que a primeira produção deste ciclo de teledramaturgia

bíblica tem autoria de roteiro de Vivian de Oliveira, que seguiria no formato: depois de *A História de Ester*, escreveu *Rei Davi*, *José do Egito*, episódios da série *Milagres de Jesus* e a “primeira novela bíblica do mundo”, *Os Dez Mandamentos*. Outra produção deste ciclo, *Sansão e Dalila*, tem autoria de Gustavo Reiz, que teve sua única experiência no formato bíblico, apesar do relativo êxito comercial constatável pela audiência conquistada pela produção. Pode-se constatar, assim, que houve uma espécie de “especialização” do formato pela autora Vivian de Oliveira, em razão desta continuidade da relação com a emissora. Nas entrevistas encontradas, há certa curiosidade em relação ao pertencimento religioso desta escritora. Em entrevista para um blog sobre televisão²⁰ em abril de 2010, Vivian respondeu a esta pergunta da seguinte maneira:

Eu não gosto de religião, mas sou apaixonada por Jesus. Seus ensinamentos de amor, tolerância, humildade e sabedoria são exemplos para todos nós. Frequento a igreja Batista, mas sou contra a religiosidade que impõe regras e leis. Tenho muita fé em Deus e creio que é Ele que ilumina e guia todos os meus passos. Muitas vezes escrevendo *A História de Ester* me emocionei com a fé de Hadassa e eu mesma precisei de muita fé e depender somente de Deus para me dar forças. Não foi nada fácil escrever uma minissérie com um filhinho recém nascido. Foi uma luta tremenda e só consegui seguir em frente porque sabia que Deus não ia me desamparar, assim como não desamparou Ester. Mas independente de ser bíblica, *A História de Ester* é uma trama forte com excelentes elementos dramáticos. É uma grande história que vale a pena ser contada.

Para o Portal Uol²¹, Vivian alegou que chegou a escrever trechos de *José do Egito* “aos prantos”, tamanho o seu envolvimento com a história. Na mesma ocasião, alegou que “Em todas as minisséries, pedia a Deus que me inspirasse. Muitas vezes, escrevi bastante emocionada”. Também relata ter aprendido a perdoar com a história de José e ter adquirido coragem pelo exemplo de Davi. É interessante perceber que tanto sites evangélicos apresentam a vinculação “evangélica” da autora (caso do portal Gospel Mais) como os portais “seculares” localizam este pertencimento²². Há pequenas matizes na abordagem, no entanto. No primeiro caso, pelo título “Evangélica, autora de ‘Os Dez Mandamentos’ comemora sucesso”²³ tem-se a associação positiva de um sucesso da produção com o pertencimento religioso de sua autora: é a primeira palavra da matéria, como que a anunciar uma legitimidade que começa na autoridade de Vivian para escrevê-la e termina na constatação de seu sucesso.

Os editoriais e entrevistas com Gustavo Reiz não trazem a mesma relação pessoal e emocional com o texto bíblico que adapta para a televisão. Numa entrevista, este autor demonstra ter se baseado em outras produções para além do texto religioso para escrever *Sansão e Dalila*:

Entrevistador: Onde buscou referências para adaptar a história?

Gustavo Reiz – Principalmente na Bíblia, mas não apenas no livro dos “Juízes”, que é onde está a história de Sansão. Também pesquisei em livros de História, em estudos já realizados, filmes e documentários²⁴.

Ambos os autores, Vivian e Gustavo, já eram roteiristas de formação e escritores (Gustavo tem livros infantis publicados e peças encenadas) e foram convidados pelos diretores da emissora para escrever especificamente estes títulos, quando os mesmos já estavam definidos. No entanto, Vivian é muito mais categórica ao afirmar sua satisfação na relação com os produtos, chegando

mesmo a responder “E por que não?” quando perguntada ironicamente por um blogueiro se escreveria uma minissérie sobre Adão e Eva²⁵!

Um ponto muito enfocado nas entrevistas é relação de respeito para com os textos, em frases como “não mudei a bíblia, mas me baseei nela” e “minissérie não é documentário” para justificar eventuais desvios de rota e liberdades “poéticas” na representação das trajetórias dos heróis bíblicos tornados personagens. O respeito também é manifestado, por exemplo, quando determinadas passagens ganham ares de “épico” e são assumidos como “momentos históricos” que merecem respeito não só pelo significado religioso que possuem para diferentes grupos sociais, mas também como chaves de compreensão da trajetória da humanidade como um todo. Disse Vivian de Oliveira, sobre a trajetória de Moisés, apresentada em *Os Dez Mandamentos*:

[Foi um episódio que] Impactou a humanidade como um todo. Acredito que o público vai se surpreender e se emocionar com uma história que explora as mais variadas facetas dos dramas humanos e familiares, assim como retrata o que a fé de um povo é capaz de produzir. *Os Dez Mandamentos* vai mostrar ainda os prodígios e maravilhas que serão operados por Deus para libertar seu povo da escravidão²⁶.

Passagens como essa são reveladoras das formas de significação a que estão submetidas as produções bíblicas. A libertação dos escravos hebreus é localizada como chave de autocompreensão moral para a civilização ocidental como um todo para ser imediatamente realinhada a uma lógica religiosa específica, relacionada ao Deus cristão do Antigo Testamento presente nas grandes religiões monoteístas.

A seu turno, o diretor de *Os Dez Mandamentos*, disse se inspirar em uma série americana de grande sucesso para por a novela no ar: “Usei lentes e ângulos parecidos com os de *Game of Thrones* (HBO), série norte-americana da qual sou fã de carteirinha. Certamente é minha referência técnica. Tentei chegar próximo da mecânica de filmagem, mas a série gasta US\$ 6 milhões por episódio. É um mundo ideal...”²⁷. Também um dos atores principais da produção relatou não ter lido a bíblia para compor seu personagem, se reportando à série americana *Game of Thrones*. Reportada por um portal ligado ao meio evangélico, o fato logo foi “amenizado” pela seguinte redação:

Apesar de Marone se abster da leitura da Bíblia para seu papel, a autora Vivian de Oliveira conta com uma equipe de pesquisadores, historiadores e teólogos para auxiliá-la em pontos-chave da novela, além da revisão da escritora Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo²⁸.

Perguntada até que ponto poderia se desviar da “História”, Vivian respondeu que seu processo pressupõe liberdade para criar a partir dos textos bíblicos.

Para criar os personagens e tramas paralelas da minissérie, eu usei como ponto de partida a própria história de Ester. Criei uma melhor amiga para ela, que é a Ana. Imaginei que ela teria rivais no harém, que é a Tafnes, de vida para os eunucos do palácio, criei um rapaz judeu que também é apaixonado por Ester, e assim por diante. A Bíblia, por exemplo, diz que Hamã, o grande vilão que odeia os judeus, tem dez filhos. Os nomes desses filhos foram apenas citados. Eu escolhi dois dos nomes mais sonoros, Aridai e Dalfom, e desenvolvi uma história para cada um.

Aridai, que é amalequita, filho de Hamã, se apaixona por Ana, judia, inimiga de seu povo. Dalfom é mau caráter e amante de Tafnes. A história bíblica também fala que os eunucos Bigtã e Teres tramaram para matar o rei, mas não falam o que eles fizeram. Eu peguei essa deixa e criei um complô armado por Hamã. Hadassa, que depois vira Ester, é órfã. Só isso é mencionado na Bíblia. Eu peguei essa informação e criei os pais de Hadassa e imaginei como eles devem ter sido mortos. De qualquer forma, em nenhum momento, eu mudei a trama principal de Ester. Tudo o que está na Bíblia também aparece na minissérie²⁹.

Pode-se dizer que a autora está reiterando uma lógica que defende, em linhas gerais, a romantização destas histórias sedimentadas no repertório das religiões. Ficcionalizar é, assim, lançar mão de um repertório de tramas familiares e intrigas, bem como colocar estes “heróis da bíblia” em busca de realização pessoal e afetiva respeitando princípios éticos os quais contrastam com o mal facilmente identificável segundo uma narrativa maniqueísta: trata-se, enfim, do formato adotado no folhetim, presente nas minisséries e novelas desde sempre. Neste sentido, a passagem de uma “História respeitada” de raiz religiosa, que pressupõe liberdade criativa a partir do momento em que se transforma em folhetim borra estas formas de definições estanques. Estamos, novamente, diante de um ponto de indefinição no qual o mito, o religioso, a narrativa de entretenimento de tom épico e o folhetim romântico habitam o mesmo objeto.

Inflexões no campo da recepção

Como o leitor já deve ter percebido, este não é um trabalho de cunho exatamente etnográfico. Existem, no entanto, diferentes formas de pensar a recepção de mensagens de meios de comunicação³⁰, como já havia sugerido Leal – para quem: “Entre recolher índices de audiência, fazer uma pesquisa de opinião ou uma pesquisa qualitativa de recepção há distinções radicais e um dado que se constrói de forma radicalmente diferenciada” (1993: 152). De fato, há muitas leituras possíveis a respeito da recepção de mensagens massificadas. Proponho nesta seção algumas espécies de “subanálises da recepção” da produção de teledramaturgia bíblica através da relacionalidade desta veiculação com outros processos ocorridos na sociedade mais ampla.

Aparentemente, é de interesse da própria emissora produtora compreender de que forma as histórias bíblicas estão assimiladas pelo público. Como relatou o diretor de *Os Dez Mandamentos*, Alexandre Avancini, em entrevista ao Portal Ig³¹: “A gente fez uma pesquisa e descobriu que só 20% dos espectadores das produções bíblicas eram evangélicos. É bem pouco. O resto eram outras religiões e o público em geral”.

Esta relação sobre o consumo destas produções por neopentecostais da Igreja Universal, reconheço, merece aproximação etnográfica direta. Mas uma das questões que torna estas relações ainda mais relevantes se dá pelas formas com que práticas iurdianas aprendem o que é tido como “mundano”. Como Manducchi (2014: 4) já havia sinalizado, a IURD endossou em 2011 a campanha “O Jejum de Daniel”, conclamando seus fieis a uma “desintoxicação audiovisual” onde a mídia, identificada como veiculadora do mal, deveria ser evitada. Sobram como opção, pode-se pensar, os meios de comunicação ligados à Igreja Universal, entre os quais as produções da TV Record, como as histórias do Antigo Testamento veiculadas a partir de 2010 em horário nobre.

Figura 1: Enquete veiculada no endereço eletrônico de *Sansão e Dalila*

Fonte: Reprodução.

Em um nível mais amplo, esta importância em identificar a fonte de interesse do público nas produções bíblicas aparece no próprio conteúdo do site de algumas delas. Cito o exemplo da enquete veiculada no endereço eletrônico de *Sansão e Dalila*. Notemos que entre as quatro opções oferecidas não está nenhuma que saliente algum aspecto exatamente religioso. Ao mesmo tempo, a opção que prevalece na opinião do telespectador diz respeito a aspectos morais: ou seja, a história está sendo apreciada por aquilo que ela oferece de “mensagens de sabedoria”. Esta premência de uma visão moralizante sobrepõe-se a uma apreciação estética (relacionada à “grandiosidade da produção” ou as atuações do elenco) e mesmo aos aspectos propriamente folhetinescos, sinalizados pela opção que privilegia os “romances e as histórias de amor”.

Do ponto de vista da recepção da audiência, cumpriria dizer, ainda, que as produções se mostram muito bem sucedidas do ponto de vista comercial. Em informe recente³², o departamento comercial da Rede Record veiculou a audiência conquistada por *Os Dez Mandamentos* até o mês de julho em doze “praças” (cidades relacionadas à retransmissão de conteúdo da sede da emissora). Tal situação aponta para certo viés triunfalista. Contudo, as formas de articular lucro comercial, linguagens religiosas e entretenimento, como se verá, não se dão de forma autoevidente.

Já inserida no âmbito da indústria cultural, as produções bíblicas são também fonte de renda da emissora³³: neste sentido, além de borrarem as fronteiras entre entretenimento, religião e arte/folhetim, também confundem a divisão entre comércio e religião³⁴. Sua veiculação é “trocada” assim por determinada quantia para anunciantes. Sendo um bem originado a partir de um texto religioso, contraria certas expectativas a respeito do que pode ou não ser mercantilizado (qual é o preço de uma história bíblica?). Embora certamente mais trabalho etnográfico seja necessário aqui para apontar as distintas posições dos agentes que constroem posições de separabilidade e de convergência entre o “religioso” e os demais domínios (como o comercial), insisto para que não tenhamos como autoevidente esta entrada dos temas bíblicos na indústria cultural, aqui apresentada como teledramaturgia, pelo motivo de que o esquadramento de sentido do qual estas produções são passíveis está, como venho defendendo, constantemente em disputa. Voltamos à questão dos “mercados de inserção possíveis” de que falava Kopytoff (2009) bem como da produção de valor e equivalência enquanto processos dinâmicos, culturalmente informados. Ao mesmo tempo, enquanto “mercantilização” da religião, as produções bíblicas encontram críticos que vão apontar nelas algo

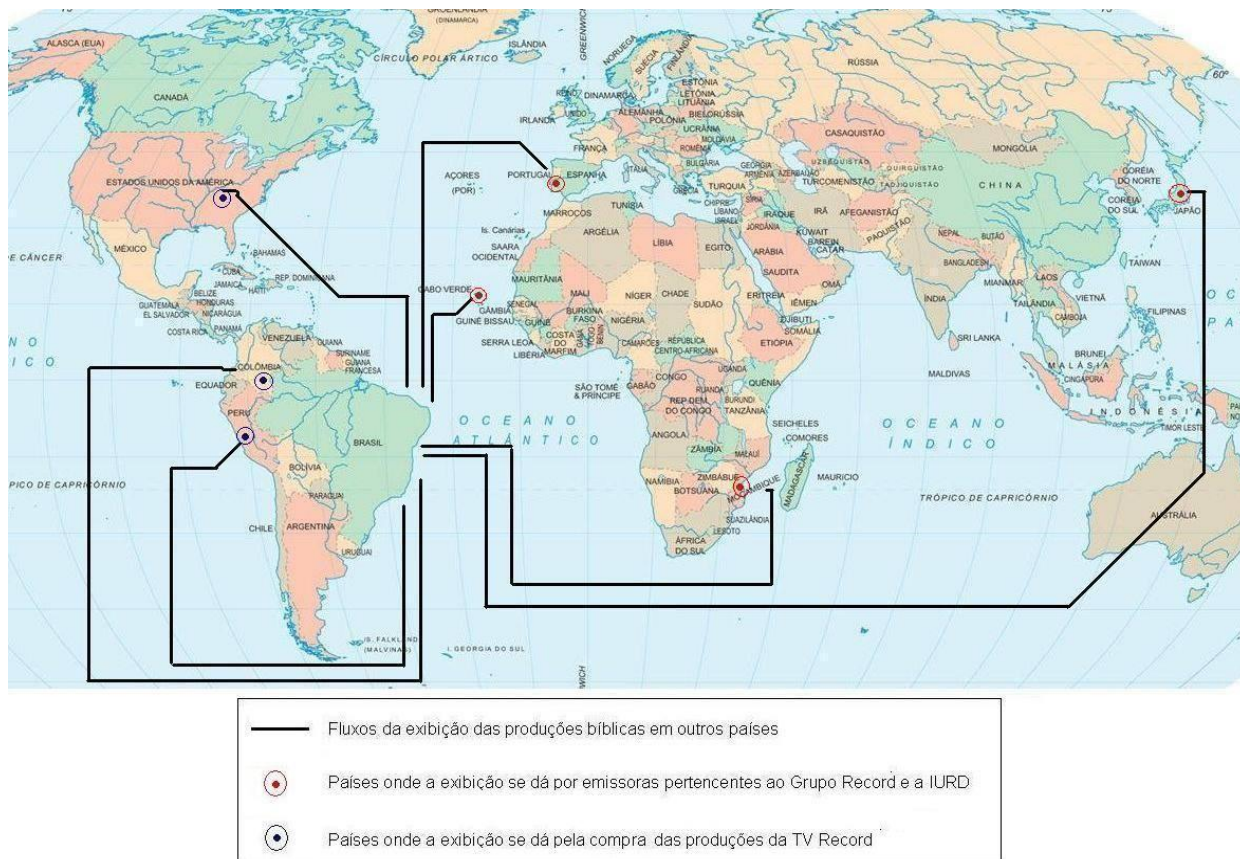
como a *vulgarização* da imagem religiosa³⁵. Tal leitura ecoa também o argumento de Koptyoff para quem “mercantilizar faz perder valor” porque produz desingularização (2009: 110). De toda a forma, não é o produto bíblico que “sacraliza” a programação: ao contrário, ele se coloca em acomodação à lógica do mercado.

Minha terceira inflexão no campo da recepção da mensagem enfoca, por fim, a dimensão dos fluxos destas produções no mercado estrangeiro. Diferentemente das produções que identifiquei como o “primeiro ciclo de dramaturgia religiosa” (restritos às reprises nos “horários mortos” dos programas de evangelização nas madrugadas da emissora) nas seções anteriores, as produções bíblicas propriamente ditas, *viajaram*: foram apresentadas em outros países e continentes. *A História de Ester*, por exemplo, foi apresentada em Cabo Verde (pela Record Cabo Verde), nos Estados Unidos (Canal MundoFox), no Japão (veiculado pela Rede Record Japão), em Moçambique (pela Record Moçambique - TV Miramar), em Porto Rico (também no Canal MundoFox) e em Portugal (pela Record Europa).

Sansão e Dalila, por sua vez, foi reprisada apenas nos Estados Unidos, veiculada de forma dublada em espanhol a partir de 25 de junho de 2013 no canal MundoFox com o título “*Sansón y Dalila*”, e ao finalizar sua exibição foi substituído por *José do Egito. Rei Davi e José do Egito* foram veiculados nos mesmos países e pelas mesmas redes que *A História de Ester*, somadas à apresentação em países latino-americanos, como o Peru e a Colômbia – mas, nestes dois países, foram apresentadas em redes que não eram da Rede Record. Há ocasiões, portanto, em que as produções se valem da própria estrutura internacional de comunicação e teledifusão da Rede Record para que sejam apresentadas na Ásia, na África e na Europa. Em outras, as produções bíblicas são compradas por redes de televisão externas à Record e apresentadas em outros países, como é o caso dos Estados Unidos, onde foi apresentada no Canal Mundo Fox, em espanhol – um canal cuja programação já enfoca o público migrante latino-americano. Esta ideia de *compra* de produções bíblicas por um mercado externo recoloca as questões já abordadas sobre trocabilidade de mensagens religiosas bem como mercantilização e capitalização destas histórias bíblicas, agora relacionadas a um público ainda mais amplo. O mapa a seguir foi gerado de modo a tentar dar conta de representar os fluxos destas veiculações.

Como Fonseca (2003: 260) já havia apontado, a expansão internacional fora usada como estratégia midiática pela Universal instrumentalizada, também pela teledifusão, o que imbricava o uso da TV Record. Contudo, há muitas nuances em relação a este uso em cada contexto nacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, a programação que passou a ser veiculada não conta com os programas religiosos, numa tentativa de separar a emissora da controvertida Igreja (Fonseca, 2003: 261). Faz sentido, assim, a não-veiculação de produções bíblicas neste canal, mas a sua venda para outros, de público com uma identidade próxima mas não compromete diretamente a imagem pública desta emissora. Também conforme Fonseca, desde 2001, a Record passou a transmitir nos Estados Unidos, sendo que na África do Sul, Angola e Moçambique é possível, desde 1998, acompanhar sua programação. Em Moçambique, a Universal é proprietária da emissora Record Miramar, a qual cobre 80% do país e que foi fruto de uma concessão dada pelo governo socialista com o objetivo de fazer contraponto à Igreja Católica (idem, p.260).

Figura 2 – Fluxos de distribuição e exibição das produções de teledramaturgia bíblica da TV Record



Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponíveis em <http://comercial.rederecord.com.br/>, acesso em julho de 2015.

Além de gerar receita pela venda a canais externos à rede original e preencher a programação dos braços internacionais da TV Record, é bastante provável que a exibição destas minisséries bíblicas confluem estratégias comerciais e religiosas em locais onde a Igreja Universal também se faz presente. Se tal for verdade, é bem possível que estejamos novamente diante de uma nova zona de intersecção de domínios, dados os locais de recepção destas produções e a relativa permeabilidade de suas mensagens, já insinuadas neste trabalho. A bibliografia sobre a transnacionalização da IURD é extensa e revê-la é algo que foge dos limites deste trabalho³⁶. Contudo, há confluências importantes que não posso ignorar: a Igreja Universal está presente de forma relativamente sedimentada nos locais onde estas minisséries bíblicas foram veiculadas. Podemos pensar, portanto, que elas podem ser úteis não só pelo ponto de vista comercial e mercadológico, como itens da indústria cultural e como forma de visibilização enquanto força do mercado do entretenimento, mas, também, dado o tema que abordam, ter lugar no projeto de expansão propriamente religiosa da Universal.

Questões finais

De que modo é possível que se produza representações dos textos bíblicos tendo a leitura do religioso apenas como uma das “perspectivas” possíveis, em pé de igualdade com o folhetim, a dimensão moral e os aspectos estéticos imbricados no produto? Acredito que as formulações de Talal Asad sobre a consolidação da religião como uma categoria antropológica sejam extensíveis para o fenômeno do qual estamos diante: de um conjunto concreto de regras práticas ancoradas em processos específicos de poder e conhecimento, a religião se tornou abstraída e universalizada, capturada por uma definição transcultural de referência católica e ocidental, e transferida para outros contextos, como os orientais (Asad, 2011). Sem uma abordagem sócio-histórica, esta noção de religião como categoria também está sendo replicada a um passado, mesmo que ficcionalizado, divulgado pela teledramaturgia bíblica produzida por uma emissora de televisão brasileira.

Neste sentido, podemos recuperar outro trabalho de Talal Asad, que salientou que os conceitos de religião têm trajetórias diferentes (Asad, 2003). Outrossim, a autonomização da religião e o seu entendimento ligado às crenças é um fenômeno particular ocidental (Asad, 2011; Giumbelli, 2011). Podemos ver, destarte, como esta definição transcultural e trans-histórica é ambígua, como já enfatizava Talal Asad uma vez que “opera o confinamento da religião (pelos liberais seculares) e uma estratégia de defesa (pelos religiosos liberais)” (Asad, 2011: 246). Neste caso, vemos que os produtores seculares podem não enfatizar a religião na abordagem que defendem (ela é apenas um elemento “da cultura”, sem ênfase especial) mesmo em um universo que não propicia tal dissociação. Ao mesmo tempo, a emissora dona da Universal pode defender a leitura religiosa como perspectiva possível sem maiores constrangimentos, se apropriando inclusive de forma lucrativa desta situação: ela funciona como *defesa* ante a possível crítica da abordagem religiosa em um espaço público, tal como uma emissora de sinal aberto.

Além deste problema das fronteiras, espero ter tornado claro meu argumento acerca da veiculação de teledramaturgia bíblica enquanto publicização de uma “cultura evangélica”, por meio de uma ocupação de posições e de um fazer proliferar referências. (Giumbelli, 2014: 195). Entre as posições ocupadas, além do controle da segunda maior rede de televisão do país, podemos dizer que os iurdianos estão se apropriando de elementos historicamente ao judaísmo pela centralidade que os heróis relacionados à libertação do povo hebreu (Ester, José, Davi) tem ganhado em suas produções.

Figura 3 – Matéria da Veja problematizando as vestes de Macedo quando da inauguração do Templo de Salomão



Na verdade, esta “hebraização da Igreja Universal” é um processo que vem de alguns anos. O ápice deste movimento parece ter sido a inauguração do Templo de Salomão, onde o próprio Edir Macedo apareceu trajado de quipá e ostentando uma barba relacionada aos judeus ortodoxos. Tal movimento, que um jornalista caracterizou como “virada judaizante”³⁷, não se faz sem resistência: na mesma ocasião, parte da imprensa se perguntou se estava diante do Rabino Macedo ou do Bispo Macedo. Em tom menos ameno, um articulista³⁸ caracterizou esta situação como uma apropriação de “símbolos ancestrais do judaísmo”. Tais reações demonstram que esta aposta em elementos relacionados à cultura judaica não se dá sem resistências.

Como já havia apontado Magali Cunha (2014), ocorreu no meio pentecostal e neopentecostal a incorporação de elementos relacionados ao judaísmo na ornamentação de templos e na produção musical gospel, que passou a aderir até mesmo ao *shopar*, um chifre de carneiro utilizado em cultos do antigo testamento, o uso de expressões em língua hebraica nas músicas e a veiculação desta produção fonográfica em festas relacionadas à tradição judaica, reapropriadas pelo neopentecostalismo (2014: 5ss). Observa-se a uma proliferação de referências: analisando a música gospel veiculada a partir dos anos 2000, a autora percebe também uma revalorização da figura de Davi, a quem se dedicam muitas músicas, em razão dele ter sido “o maior rei que Israel teve” e ter figurado como antecessor de Jesus na genealogia que abre o Evangelho de Mateus (Cunha, 2014: 9). Trata-se de um movimento da passagem, no meio evangélico, de uma ênfase cristocêntrica neotestamentária a uma ênfase teocêntrica veterotestamentária (idem, p. 14) – passagem esta em que a produção midiática tem forte importância.

No caso da Universal propriamente dita, esta “virada judaizante” já tem mais de quinze anos. A IURD realiza visitas a Israel desde a comemoração dos seus 20 anos de existência e próprio bispo Macedo foi recebido pelo Ministro do Turismo salientando o desejo de “levar dezenas de milhares de pessoas anualmente para Israel” (Birman, 2003: 244). A construção de templos segundo um padrão estético bem definido (Gomes, 2011), produzindo exibição pública de uma fé monumentalizada (Giumbelli, 2014) também ecoa esta referência: a própria sede mundial da Igreja Universal tem por objetivo ser uma “cópia perfeita da Jerusalém dos tempos de Jesus” e busca esta autenticidade na “exportação” de elementos de Israel bem como pedras e plantas (Martins; Gomes, 2008: 191). É da Catedral da Fé, sede da Universal e templo erguido nesta nova leva de referências judaicas, que é transmitido para todo o país o *Santo Culto em Seu Lar*, com apresentação de Macedo, todos os domingos. Ainda no bojo destas estratégias está a produção do Centro Cultural Jerusalém, que se beneficia inclusive de verbas públicas relacionadas à promoção do Turismo no Estado do Rio de Janeiro (Giumbelli, 2014: 203). Em outra senda, Clara Mafra (2011) nos lembra a difícil situação dos setores neopentecostais brasileiros de se apropriarem legitimamente da categoria de “cultura” e contextualiza que, neste sentido, as investidas deste segmento em relação à monumentalização da fé (como no caso do Templo de Salomão) criam uma comunidade de pertencimento para além dos domínios do Estado-Nação e inclusive contornam referências europeias de cristandade: ao contrário, tal movimento “liga Israel ao (bairro do) Brás”, na cidade de São Paulo (Mafra, 2011: 618). Seria possível afirmar que esta virada judaizante seria um vetor possível de aproximação com políticas culturais, inclusive envolvendo agentes estatais?

Seja como for, o que as “novelas bíblicas” realizam é uma operação semelhante (não só se aproximando com o judaísmo, mas de um conjunto de religiões que partilham as referências do Antigo Testamento), pelo acionamento de outras chaves: por elas, tem-se a mesma apropriação de elementos, bem como um alargamento dos públicos aptos a receber suas mensagens e consumir seus produtos televisivos. A audiência estável e bem sucedida e a aparente consolidação do formato

de teledramaturgia a partir do Antigo Testamento dão mostras que esta operação se dá sem tantas resistências quanto à apresentação de uma obra como o “Templo de Salomão” como evangélica.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do “Chute na Santa”: a intolerância com a diferença. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org). *Intolerância religiosa*. São Paulo: Editora da USP, 2007.
- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, n. 19, p. 263-284, 2011 [1982].
- ASAD, Talal. Secularism, Nation-State, Religion. In: _____. *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BIRMAN, Patrícia. Imagens religiosas e projetos para o futuro. In: _____. (Org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar/PRONEX, 2003.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos. *REVER – Revista de Estudos da Religião* (Online), set/2008, 26p. Disponível em: <http://pesformosos.com.br/estudos/evangelicos-midia-brasil.pdf>, consulta em julho de 2016.
- CONTINS, Marcia; GOMES, Edlaine de Campos. Edificações religiosas e autenticidade: comparando a IURD e os carismáticos católicos. *Revista Antropológicas*, 19(1), 2008.
- CRUZ E SILVA, Teresa. A Igreja Universal em Moçambique. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CUNHA, Magali do Nascimento. A interseção mídia religiosa e mercado e a resignificação de signos bíblicos pelos evangélicos. *Estudos e pesquisa em religião* (Online), v. 3, n. 1, 23p., 2014.
- ENGELKE, Matthew. Religion and the media turn: a review essay. *American Ethnologist*, 37 (2), 2010.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas. 1993. Mimeo.
- _____. A Igreja Universal na Ásia. In: Oro, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FONSECA, Alexandre Brasil. Igreja Universal: um império midiático. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar/PRONEX, 2002.
- GIUMBELLI, Emerson. O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia (Org). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar/PRONEX, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. *Horizontes Antropológicos*, v. 35, 2011.
- GIUMBELLI, Emerson. Cultura pública: evangélicos e sua presença na sociedade brasileira. In: _____. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- GOMES, Edlaine Campos. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição (uma etnografia)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- KEANE, Webb. On the materiality of religion. *Material Religion* 4, no. 2, July 2008.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas In: Appadurai, Arjun. *A Vida Social das Coisas: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural*. Niterói: Eduff, 2009.
- LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica. In: FONSECA, Claudia (Org). *Fronteiras da Cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.
- MACHADO, Carly. Introdução ao Dossiê Religião e Mídia. *Religião e Sociedade*, v. 34, n. 2, Rio de Janeiro, jul/dez 2014.

- MAFRA, Clara. A Igreja Universal em Portugal. . In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MAFRA, Clara. A "arma da cultura" e os "universalismos parciais". *Mana*, v. 17, p. 607-624, 2011.
- MANDUCCHI, Marina Fanzini. O “jejum de Daniel”: a desintoxicação audiovisual da Igreja Universal do Reino de Deus sob um olhar foucaultiano. *Estudos e pesquisa em religião*, v. 3, n. 1, 2014.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.
- MENEZES, Renata de Castro. A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos. *Horizontes Antropológicos*, v. 17, 2011, p. 43-65.
- MEYER, Birgit. Introduction. In: _____ (Org.). *Aesthetic Formations: Media, Religion, and the Senses*. Nova York: Palgrave, 2009, p. 1-30.
- MEYER, Birgit. Mediation and the Genesis of Presence: Toward a Material Approach to Religion. *Religion and Society: Advances in Research* 5, 2014.
- MEYER, Birgit; HOUTMAN, Dick. *Things*. Religion and the Quest of Materiality. Nova York: Fordham University Press, 2012.
- MEYER, Birgit; MOORS, Annelise. Introduction. In: _____.(Orgs). *Religion, Media and the Public Sphere*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.
- MORGAN, David. *The Sacred Gaze: Religious Visual Culture in Theory and Practic*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- MORGAN, David. The materiality of social construction. *Material Religion* 4, no. 2, July 2008.
- ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORO, Ari Pedro. A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Estudos Avançados*, vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004.
- SOUZA JUNIOR, “Fluxos e fronteiras”: mapeando o pentecostalismo brasileiro em Portugal. *Civitas*, v. 13, n. 3, 2014.
- STOLOW, Jeremy. Religião e mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. *Religião e Sociedade*, vol. 34, n. 2, Rio de Janeiro, 2014.

Notas

1 As questões aqui levantadas são parte de minha pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizada sob orientação de Emerson Giumbelli, a quem agradeço pela leitura atenta e generosa. Uma versão preliminar foi apresentada em ocasião das XVIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina (Mendoza, 2015), promovidas pela Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACRSM), em sessão do GT “Religião e espetáculo”.

2 No original, “globalization from bellow” (Meyer & Moors, 2006: 5).

³ Uso este bem sucedido, já que segundo dados de 1996 trazem que 46% dos fieis da Igreja Universal foram atraídos pelos apelos dos meios de comunicação (Oro, 1996: 68).

⁴ Ver, entre outros, Birman (2003) , Campos (1997) e Giumbelli (2002).

5 Segundo Campos (1997: 285), a Igreja Católica apresentava resistência quanto à exposição na televisão em razão da sacralidade da missa. Estes e outros motivos fizeram com que a primazia da exposição ficasse com os pentecostais, a despeito da transmissão dominical pela Rede Globo e TV Cultura, em São Paulo.

⁶ O registro sobre *A Filha do Demônio* é do almanaque virtual sobre televisão Teledramaturgia:

<http://www.teledramaturgia.com.br/a-filha-do-demonio/> (acesso em julho de 2015).

⁷ Sobre *Olho da Terra*, ver <http://www.teledramaturgia.com.br/olho-da-terra/>, acesso em julho de 2015.

⁸ Sobre *A Última Bala*, ver https://pt.wikipedia.org/wiki/A_S%C3%A9tima_Bala, acesso em julho de 2015.

⁹ Sobre *Alma de Pedra*, ver <http://www.teledramaturgia.com.br/alma-de-pedra-1998/>, acesso em julho de 2015.

10 Alguns anos antes, em 1992, o próprio fundador da Igreja Universal e proprietário da TV Record, Edir Macedo, seria processado por vilipêndio aos cultos afro-brasileiros (ver Giumbelli, 2002; 2003; Almeida; 2007). Datam dos anos 1990 também a produção pelo próprio Macedo de livros sobre o candomblé, a umbanda e o espiritismo, no qual estes seriam atrelados ao mal, como *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*.

11 Ver <http://www.teledramaturgia.com.br/o-desafio-de-elias/>, acesso em julho de 2015.

- 12 Ver <http://www.teledramaturgia.com.br/a-historia-de-ester-1998/>, acesso em julho de 2015.
- 13 Tal situação se deu em meio a denúncias de uso por parte da Universal deste recurso para “lavagem de dinheiro” através da circulação de ingressos comprados pela própria instituição, a ponto de mobilizar o principal jornal editado pela IURD (a *Folha Gospel*). Ver: <http://www.universal.org/noticia/2016/01/26/os-dez-mandamentos---o-filme-universal-desmente-acusacoes-da-imprensa-35506.html>, consulta em julho de 2016.
- 14 <https://noticias.gospelmais.com.br/sucesso-os-dez-mandamentos-eleva-audiencia-record-83542.html>, consulta em julho de 2016.
- 15 Dados precisados estão no site do departamento comercial da Rede Record, ver: <http://comercial.rederecord.com.br/>, consulta em agosto de 2016.
- 16 Entrevista em abril de 2015 ao Portal IG, disponível em <http://gente.ig.com.br/tvenovela/2015-04-24/diretor-de-dez-mandamentos-so-20-do-publico-e-evangelico.html>.
- 17 Ver, por exemplo, a crítica de Maurício Stycer, colunista do Portal Uol: <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2015/07/23/os-dez-mandamentos-falha-nos-efeitos-especiais-de-cena-crucial/>.
- 18 Texto de maio de 2015, do site Na Telinha, disponível em: <http://m.natelinha.ne10.uol.com.br/novelas/2015/05/30/autora-rebate-critica-e-defende-linguagem-coloquial-em-os-dez-mandamentos-89380.php>.
- 19 Entrevista de Vivian de Oliveira em outubro de 2013 para o Portal Na Telinha, disponível em <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2013/10/09/cheguei-a-escrever-aos-prantos-diz-autora-de-jose-do-egito-da-record-66921.php>.
- 20 A emissora levou ao ar também a série *Milagres de Jesus* em duas temporadas, entre 2014 e 2015, com um total de 35 episódios, exibidos semanalmente, no verão de cada ano e no horário nobre da programação. Trata-se, como se pode notar, da única produção do ciclo aludido que faz referência ao Novo Testamento, se centrando na figura de Jesus, o “único personagem fixo” da série, que mostra em cada episódio “histórias” roteirizadas a partir do texto bíblico. Contudo, na época de lançamento deste produto, o diretor de teledramaturgia da emissora esclareceu que “O que foi encomendado aos cinco autores foi criar histórias que não estão na Bíblia até culminar com o milagre de Jesus. Todos os episódios têm início, meio e fim. São 18 telefilmes, mas as histórias de cada um se complementam e conseguem manter a mesma cara”. Ver entrevista ao Portal Uol (16/1/2014), em <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/01/16/record-investe-r900-mil-por-episodio-de-milagres-de-jesus.htm>, consulta em julho de 2016. A série seria premiada na categoria de Melhor Produção de 2014 pelo Festival y Mercado de Televisión Internacional, da Argentina, e também está disponível na plataforma *Netflix*.
- 21 Entrevista ao jornalista Vitor de Oliveira, do blog Eu Prefiro Melão. Disponível em: <http://euprefiromelao.blogspot.com.br/2010/04/entrevista-vivian-de-oliveira-simpatia.html> (acesso em julho de 2015).
- 22 Entrevista em outubro de 2013, disponível em <http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2013/10/09/cheguei-a-escrever-aos-prantos-diz-autora-de-jose-do-egito-da-record-66921.php>, acesso em julho de 2015.
- 23 <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/03/autora-de-rei-davi-comemora-audiencia-e-repercussao-da-minisserie.htm>, acesso em julho de 2015.
- 24 <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/28952/evangelica-autora-de-%60os-dez-mandamentos%C2%B4-comemora-sucesso.html>, acesso em julho de 2015.
- 25 Entrevista para o Portal O Planeta TV, disponível em: <http://oplanetatv.clickgratis.com.br/colunas/entrevistas/entrevista-exclusiva-com-gustavo-reiz-autor-de-sansao-e-dalila.html>, acesso em julho de 2015.
- 26 Entrevista a Vitor de Oliveira, loc. cit.
- 27 Entrevista para o site Café com Notícias, em março de 2015, disponível em <http://www.cafecomnoticias.com/2015/03/cafentrevista-vivian-de-oliveira-fala.html> (acesso em julho de 2015).
- 28 Entrevista ao Diário de Pernambuco, em junho de 2015. Disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2015/06/04/internas_viver,579638/diretor-de-os-dez-mandamentos-revela-detalhes-da-producao-de-novo-sucesso-da-record.shtml.
- 29 Matéria do Portal Gospel Mais, disponível em <http://noticias.gospelmais.com.br/os-dez-mandamentos-ator-interpreta-farao-nao-biblia-76150.html>.
- 30 Entrevista a Vitor de Oliveira, loc. cit.
- 31 No campo propriamente antropológico brasileiro, a questão das diferentes apropriações de mensagens

veiculadas pela mídia de massa a partir de estudos de recepção é presente pelo menos desde os anos 1980. Ver, por exemplo, Leal 1986 e 1993.

32 Publicado em <http://gente.ig.com.br/tvenovela/2015-04-24/diretor-de-dez-mandamentos-so-20-do-publico-e-evangelico.html>, acesso em julho de 2015.

33 Cf. <http://comercial.rederecord.com.br/>, acesso em julho de 2015.

34 Os dados são de: <http://www.bastidoresdatv.com.br/televisao/record-gasta-seis-vezes-mais-que-o-sbt-pela-mesma-audiencia-em-novelas>, acesso em julho de 2015.

35 A Rede Record cobrou por 30 segundos de propaganda em *Os Dez Mandamentos* R\$ 380.200,00. Cf. <http://www.bastidoresdatv.com.br/televisao/record-gasta-seis-vezes-mais-que-o-sbt-pela-mesma-audiencia-em-novelas>, consulta em maio de 2016.

36 Ou, ainda, recolocando a questão de Walter Benjamin sobre a obra de arte na indústria cultural, tensiona os domínios entre o valor de culto e o valor de exposição da arte (Benjamin, 1988: 172).

37 Para fins de ilustração em relação aos países tratados, podemos citar o trabalho de Oro (2004). Sobre a IURD em Portugal, ver Souza Junior (2014) e Mafra (2003); sobre o Japão, ver Freston (2003); sobre o caso de Moçambique ver Cruz e Silva (2003).

³⁸ Remeto ao leitor ao movimento iniciado por um pastor da Assembleia de Deus que promovia o boicote a *Os Dez Mandamentos*. Em seu texto, cita que se trata “(...) de algo aparentemente bíblico, quando na verdade é um produto comercial e patrocinado pelo que julgamos pecado”. Outro motivo identificado pelo pastor para o boicote é que as pessoas teriam sido definidas como “alvo da Record” e que deixam de ir às igrejas pra assistir novelas em casa. Ver <http://www.otvfoco.com.br/apos-boicote-a-babilonia-lider-evangelico-critica-os-dez-mandamentos/>, consulta em novembro de 2017. No registro do fato pelo Portal Gospel Mais, existe a acusação do pastor de que a novela seria uma “profanação da Bíblia”, <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-boicote-novela-os-dez-mandamentos-75119.html> (consulta em novembro de 2017).

39 Reportagem da *Veja* em agosto de 2014, disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/rabino-edir-quase-isso/>.

40 Texto de Ricardo Setti no Portal da Revista *Veja*, em dezembro de 2014, disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/vejam-como-o-bispo-edir-macedo-incorpora-cada-vez-mais-para-a-igreja-universal-simbolos-ancestrais-do-judaismo/>.